



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM



**Entre véus e cuidados: escritórias de uma estudante muçulmana no curso de
Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas**

Pesquisador(a): Beatriz Salazar da Silva

Orientador(a): Profa. Dra. Socorro de Fátima Moraes Nina

Manaus

2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM

**Entre véus e cuidados: escritórias de uma estudante muçulmana no curso de
Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas**

Pesquisa desenvolvida na disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso II, no
curso de Graduação em Enfermagem
da Universidade do Estado do
Amazonas.

Orientador(a): Profa. Dra. Socorro de
Fátima Moraes Nina

Manaus - AM

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

D111e da Silva, Beatriz Salazar
Entre véus e cuidados: : escrituras de uma estudante muçulmana no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas / Beatriz Salazar da Silva. Manaus : [s.n], 2025.
30 f. : ; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Enfermagem - Bacharelado- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
Inclui Bibliografia.
Orientador: Socorro de Fátima Moraes Nina.

1. Enfermagem. 2. Identidade Cultural. 3. Religião. 4. Espiritualidade. 5. Preconceito. I. Socorro de Fátima Moraes Nina (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)616-083



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A Banca Examinadora de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) do (a) aluno (a):
Beatriz Salazar da Silva, intitulado **Entre véus e cuidados: escrevivências de uma estudante muçulmana no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas** constituída pelos professores:

(Orientador): Socorro de Fátima Moraes Nina,

(Examinador): Cassia Rozário da Silva Souza,

(Examinador): Fernanda Farias de Castro ,

reunida online no dia 19 de novembro de 2025, às 14:00 horas, para avaliar a Defesa em pauta, de acordo com as normas estabelecidas pelo regulamento de TCC desta Universidade, considerou que o referido trabalho:

Foi aprovado sem alterações¹

Foi aprovado com alterações²

Deve ser reapresentado³

Foi reprovado⁴

Manaus, 19_ de novembro _____ de 2025 _____.

1. _____
Documento assinado digitalmente
gov.br SOCORRO DE FATIMA MORAES NINA
Data: 03/12/2025 15:09:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2. _____
Documento assinado digitalmente
gov.br CASSIA ROZARIA DA SILVA SOUZA
Data: 08/12/2025 11:15:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

3. _____
Documento assinado digitalmente
gov.br FERNANDA FARIAS DE CASTRO
Data: 08/12/2025 17:43:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, elevo minha mais profunda gratidão a **Allah Subhanahu wa Ta'ala (SWT)**, fonte de toda força, sabedoria e misericórdia. Foi por meio dele que encontrei serenidade nos momentos de incerteza e coragem diante de situações pelas quais eu passei. Cada conquista nesta trajetória é, antes de tudo, um reflexo da sua vontade e generosidade. Nos dias em que o cansaço e as dificuldades pareciam intransponíveis, foi na fé que encontrei repouso, consolo e a certeza de que nenhum esforço é em vão quando se tem intenção sincera e confiança em Allah. A Ele pertence toda a glória e a Ele retorno com humildade e gratidão por ter me permitido chegar até aqui.

Em seguida, dedico um agradecimento imenso e carregado de amor à minha mãe, Ana Leide Bezerra Salazar, exemplo de força, paciência e resiliência. Sua presença constante, mesmo diante das adversidades, foi o alicerce que sustenta meus passos. Foi ela quem me ensinou o valor do estudo, da fé e da honestidade, enfrentando uma maternidade solo de cabeça erguida. Cada palavra de incentivo, cada gesto de cuidado e cada oração feita por mim foram fundamentais para que eu não desistisse diante das dificuldades. Ao meu irmão, Miguel Salazar da Silva, que sempre foi meu amigo, conselheiro e apoio incondicional, deixo também minha sincera gratidão. Sua compreensão e carinho, tornaram os momentos de estudo e de solidão mais leves. Obrigada por me ouvir, por acreditar em mim e por me lembrar, nas horas mais difíceis, de que eu era capaz. Sua presença em minha vida é uma bênção constante.

Agradeço profundamente à minha orientadora, Profa. Dra. Socorro de Fátima Moraes Nina que com paciência, sabedoria e sensibilidade soube guiar-me ao longo deste processo. Sua escuta atenta, suas orientações cuidadosas e sua confiança no meu potencial foram essenciais para que eu conseguisse transformar minhas vivências em conhecimento e reflexão

acadêmica. Sua postura ética e humana é uma inspiração para minha futura prática profissional e acadêmica.

Ao Centro Islâmico de Manaus, minha sincera gratidão por ser um espaço de fé, acolhimento e fortalecimento espiritual. Foi nesse lugar que encontrei irmãos e irmãs que me ajudaram a compreender melhor minha identidade e a importância de viver o Islã com orgulho e serenidade, mesmo diante dos desafios. A cada palavra de apoio, a cada gesto de incentivo e a cada oração compartilhada, encontro o reflexo da irmandade que o Islã ensina. Que Allah SWT recompense a todos por me ajudarem a seguir firme e confiante no propósito que Ele determinou para mim.

Agradeço também à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), instituição que me acolheu e possibilitou a realização deste sonho. Cada disciplina, cada experiência de estágio e cada convivência com professores e colegas contribuíram para minha formação como futura enfermeira e como ser humano. À Coordenação do Curso de Enfermagem, expressei meu respeito e apreço pelo trabalho comprometido e pela sensibilidade em lidar com as demandas dos alunos. O apoio institucional foi essencial para que eu pudesse conciliar minha fé com a vida acadêmica, demonstrando que é possível construir um ambiente universitário verdadeiramente plural e inclusivo.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada, amigos, colegas, professores, pacientes e funcionários que, com palavras gentis ou simples gestos de acolhimento, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Cada um deixou uma marca nesta jornada que agora se encerra, mas que também representa o início de uma nova etapa.

A todos, meu sincero **Jazak Allahu Khayran**, que Allah lhes recompense com o bem, hoje e sempre.

RESUMO

Objetivo: Narrar e refletir, mediante a abordagem da escrevivência, sobre as experiências acadêmicas, culturais e identitárias de uma estudante muçulmana no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) **Método:** Pesquisa qualitativa, autobiográfica, fundamentada na metodologia da escrevivência. As fontes de dados consistiram em narrativas pessoais elaboradas pela autora, organizadas em eixos temáticos referentes ao preconceito, acolhimento, espiritualidade e pertencimento. A análise foi interpretativa, articulando experiências individuais a reflexões teóricas sobre diversidade cultural, identidade e cuidado em enfermagem. **Resultados:** As narrativas revelaram situações de preconceito, mas também experiências de acolhimento e apoio institucional que favoreceram o sentimento de pertencimento. A espiritualidade emergiu como elemento central de resiliência e como fundamento ético do cuidado, contribuindo para a compreensão do papel da fé na formação e prática profissional. **Conclusão:** A experiência narrada evidencia que o reconhecimento e a valorização da diversidade religiosa são essenciais para a construção de ambientes acadêmicos inclusivos e para o desenvolvimento de uma enfermagem mais humana, empática e culturalmente sensível.

Descritores: Enfermagem; Identidade Cultural; Religião; Espiritualidade; Preconceito; Inclusão Social.

ABSTRACT

Objective: To narrate and reflect, through the lens of *escrivivência*, upon the academic, cultural, and identity-based experiences of a Muslim student in the Nursing program at the Universidade do Estado do Amazonas (UEA). **Method:** Qualitative, autobiographical research based on the methodology of *escrivivência*. The data sources consisted of personal narratives written by the author, organized into thematic axes related to prejudice, acceptance, spirituality, and belonging. The analysis was interpretative, connecting individual experiences to theoretical reflections on cultural diversity, identity, and nursing care. **Results:** The narratives revealed situations of prejudice but also experiences of institutional and interpersonal support that fostered a sense of belonging. Spirituality emerged as a central element of resilience and as an ethical foundation for care, contributing to a broader understanding of the role of faith in professional training and practice. **Conclusion:** The narrated experience demonstrates that recognizing and valuing religious diversity are essential for building inclusive academic environments and for developing a more humanized, empathetic, and culturally sensitive nursing practice.

Keywords: Nursing; Cultural Identity; Religion; Spirituality; Prejudice; Social Inclusion.

1. INTRODUÇÃO

O Islã configura-se como um sistema normativo integral que orienta as esferas social, política e econômica da vida de seus seguidores. Um dos aspectos sociológicos mais significativos dessa tradição é o fenômeno conhecido como juridicização, que consiste na transformação de princípios religiosos em um arcabouço legal codificado(1). Esse processo assenta na hermenêutica do Alcorão e dos hadiths que são narrativas sobre a vida do Profeta Muhammad para derivar normativas que regulam a conduta individual e coletiva(2). O produto desse esforço interpretativo é a Sharia, lei islâmica de origem divina que abrange desde atos ritualísticos, como a prática dos cinco pilares da fé, até complexas transações comerciais, relações familiares e questões de direito penal(3). A Sharia não se limita a prescrever obrigações religiosas, mas estende-se à regulação da vida em comunidade, estabelecendo tanto deveres éticos quanto sanções para o seu descumprimento, o que a torna um pilar central na organização das sociedades muçulmanas(4-5).

É importante entender, porém, que o Islã não é um bloco monolítico, mas sim uma tradição diversificada, marcada por significativa variedade doutrinária e prática. Tal pluralidade decorre da interação entre textos sagrados e contextos históricos, econômicos, culturais e geográficos específicos das populações que abraçam o Islã(6). Essa adaptabilidade permitiu que o Islã se enraizasse em realidades socioculturais muito diversas, desde o Médio Oriente até à Ásia, África e diásporas no Ocidente. Assim, longe de ser estático, o Islã demonstra uma notável capacidade de pluralismo interno, constantemente reinterpretado e recontextualizado face aos desafios e às realidades globais que enfrenta(7).

Fundada em 859 d.C. na cidade de Fez, no Marrocos, a Universidade de Al-Qarawiyyin é reconhecida como a instituição de ensino superior em funcionamento contínuo mais antiga do mundo. Sua criação é atribuída a Fátima al-Fihri, uma mulher

muçulmana cuja visão e dedicação à educação permitiram o estabelecimento de um centro de conhecimento que se tornou um legado civilizacional(8). Esse feito histórico não apenas demonstra a participação fundamental das mulheres muçulmanas na produção e preservação do saber ao longo dos séculos, mas também contrasta com narrativas que frequentemente as omitem ou as representam de forma passiva(9).

A presença de estudantes muçulmanos no ensino superior brasileiro ainda é pouco discutida nas pesquisas acadêmicas, especialmente em áreas como a enfermagem, nas quais questões de identidade cultural, religiosa e social se entrelaçam com a formação profissional. A experiência de uma mulher muçulmana na universidade, em um contexto amazônico marcado pela diversidade cultural, apresenta-se como campo fecundo para reflexão sobre inclusão, respeito às diferenças e enfrentamento de preconceitos.

Esta pesquisa tem como objetivo narrar e refletir, mediante a abordagem da escrivência, sobre as experiências acadêmicas, culturais e identitárias de uma estudante muçulmana no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), destacando os desafios, as resistências e as estratégias de integração entre sua fé, sua formação profissional e seu lugar no ambiente universitário.

2. MÉTODO

Este estudo adota uma perspectiva qualitativa de caráter auto etnográfico, fundamentada no conceito de escrevivência, desenvolvido por Conceição Evaristo. Esse quadro metodológico permite transformar percursos pessoais em análise crítica com ressonância coletiva, atribuindo legitimidade epistemológica à subjetividade como base para a produção do conhecimento(10).

A investigação estrutura-se a partir desse constructo, que orienta a elaboração narrativa do eu em diálogo permanente com o contexto social. A esse eixo central articulam-se noções como interseccionalidade, diversidade cultural, identidade religiosa e formação em enfermagem. Tal amálgama teórica viabiliza a interpretação das experiências relatadas para além de testemunhos isolados, posicionando-as como expressões entrelaçadas em estruturas sociais mais amplas.

Cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo a partir da junção de “escrever” e “vivência”, o termo escrevivência designa uma abordagem literária e metodológica que confere visibilidade e validade a experiências de grupos historicamente silenciados, com ênfase inicial na população afro-brasileira(10). Originalmente, a proposta visa abrir espaço para a valorização das vivências de mulheres negras, permitindo que reflitam sobre suas histórias de modo íntimo, porém vinculado a uma dimensão comunitária. Dessa forma, assumem o lugar de narradoras e protagonistas de suas próprias trajetórias, em um gesto de autoafirmação e resistência.

Vale ressaltar, no entanto, que a aplicação da escrevivência não se limita a narrativas da população negra. O conceito estende-se a quaisquer grupos minoritários e marginalizados no cenário nacional como comunidades indígenas, quilombolas, LGBTQIAPN+ e, conforme o recorte deste trabalho, minorias religiosas, a exemplo da comunidade muçulmana que é

pouco conhecida na cidade de Manaus. Nesta pesquisa, a escrevivência opera como instrumento para relatar uma experiência duplamente singular: a de ser muçulmana no Brasil, nação de maioria cristã, e viver essa identidade religiosa no contexto sociocultural específico da Amazônia, reforçando o caráter interseccional e inclusivo da abordagem.

As narrativas que alicerçam este trabalho foram construídas com base na trajetória acadêmica e pessoal da autora durante a graduação em Enfermagem na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), entre 2024 e 2025. A pesquisadora assume um duplo papel no estudo, atuando como autora e única participante. Nessa configuração, seu percurso formativo e vivencial converte-se no objeto central de análise.

Essa escolha metodológica não é aleatória, mas decorre diretamente dos fundamentos da investigação. Justifica-se pela natureza autoetnográfica que a sustenta e pelo respaldo teórico-metodológico oferecido pela escrevivência. Esse referencial valida o uso da experiência subjetiva como matéria-prima relevante e produtiva para a geração de conhecimento científico. Assim, a vivência individual é ressignificada, transcendendo o caráter de relato pessoal para se tornar fonte de análise crítica, articulando o “Eu” a questões coletivas mais abrangentes.

A construção narrativa deu-se por meio de um processo reflexivo e sistematizado de recuperação de episódios significativos experimentados pela autora em distintos cenários formativos: em sala de aula, durante estágios e em campos de prática profissional. Posteriormente, esses relatos foram organizados e categorizados em eixos temáticos emergentes, que capturam as dimensões centrais da experiência investigada. Entre os principais eixos identificados estão: preconceito e discriminação, acolhimento, pertencimento e formas de resistência.

A análise seguiu a lógica hermenêutica inerente à escrevivência, pela qual as narrativas auto etnográficas foram cotejadas e postas em diálogo crítico com o corpus teórico e a produção acadêmica pertinente. Essa estratégia permitiu ultrapassar a mera descrição individual, articulando as experiências narradas aos debates contemporâneos sobre diversidade religiosa, construção identitária e desafios na formação em enfermagem. Em consonância com os pressupostos da pesquisa autoetnográfica e do conceito de escrevivência, a exposição dos achados será efetuada mediante o uso da primeira pessoa. Esta opção é fundamental para materializar o 'escrever a partir de si' proposto por Evaristo, posicionando a pesquisadora como protagonista de sua própria narrativa de formação. Dessa forma, a escrita acadêmica se aproxima do gesto político da escrevivência, onde o “eu” que narra é, simultaneamente, um “nós” coletivo que se reconhece naquela experiência.

Dispensou-se a revisão ética formal neste estudo, uma vez que se trata de investigação autobiográfica, com a autora como única participante, não sendo necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Respeitaram-se, contudo, rigorosamente os princípios éticos que regem a pesquisa qualitativa, assegurando integridade, fidelidade aos fatos e compromisso com a veracidade das experiências narradas.

3. RESULTADOS

Ao iniciar esta apresentação de resultados, considero importante destacar que sou o que, dentro da religião islâmica, se chama revertida. O termo é preferencialmente utilizado em detrimento de “convertida”, pois reflete a concepção islâmica de que todo ser humano nasce em estado de pureza inata (*fitra*), naturalmente inclinado à crença em um Deus único. Sob essa perspectiva, a adesão ao Islã não é compreendida como a assimilação de uma nova religião, mas como um reencontro com a essência espiritual primordial do indivíduo, inerentemente alinhada aos princípios islâmicos.

Adentrei a Escola Superior de Ciências da Saúde no ano de 2021 a partir do segundo semestre, ainda como não muçulmana, e, durante o período de um ano e meio, entre o segundo semestre do ano de 2021 e o final do ano de 2023 compartilhei das mesmas experiências que os demais estudantes, tanto nas salas de aula quanto nos campos práticos correspondentes às disciplinas de Enfermagem que compunham o chamado ciclo básico.

No ano de 2024, tomei uma decisão que transformou profundamente todos os aspectos da minha vida: a minha reversão ao Islã, ocorrida em 23 de janeiro de 2024. Esse marco espiritual coincidiu com o início das disciplinas do ciclo clínico de Enfermagem, momento de transição entre o quinto e o sexto período do curso.

A mudança mais visível após a minha reversão foi o uso do hijab, prática mandatória na religião islâmica, prescrita e recitada nas linhas sagradas do Alcorão. O hijab, contudo, não é apenas um lenço que cobre os cabelos, em árabe, a palavra significa “cobrir-se” ou “barreira”. Ele representa um símbolo de modéstia, privacidade e, acima de tudo, de devoção e submissão a Deus e somente a Ele(11). Como traçado dentro da metodologia eu dividi os resultados em eixos para demonstrar minhas vivências.

Eixo I: Preconceito e discriminação

Desde o dia em que decidi usar o véu, eu já sabia que passaria a ser vista de outra forma. Ao contrário dos homens muçulmanos, que conseguem se camuflar dentro da sociedade brasileira, nós, mulheres muçulmanas, carregamos um símbolo visível, uma identidade que, com muito orgulho, revela quem somos. Logo percebi que o meu véu antecedia a minha voz. Se antes eu era apenas mais uma aluna comum entrando pelos portões da faculdade, agora eu me tornara “o outro”, o exótico, aquela com quem muitos nunca haviam tido contato direto. A forma como passei a ser percebida está profundamente relacionada à maneira como o mundo ocidental construiu, historicamente, a imagem das populações muçulmanas. Desde os atentados às Torres Gêmeas, em setembro de 2001, e o consequente discurso de “guerra ao terror” promovido pelos Estados Unidos, a mídia ocidental tem reforçado uma visão estereotipada sobre o Islã e sobre os povos do chamado do levante, que a qual fomos ensinados como “Oriente Médio(12).

Essa representação se ancora em um conceito amplamente discutido por Edward Said, o orientalismo, que descreve a forma pela qual o Ocidente criou e consolidou uma imagem do Oriente como um espaço exótico, primitivo e violento. Tal construção simbólica serviu, ao longo dos séculos, para justificar práticas de dominação colonial e imperialista na região, produzindo uma narrativa que ainda hoje influencia percepções, discursos e comportamentos sociais em relação aos muçulmanos(13).

Enquanto caminhava pelos corredores da faculdade, ao longo dos dias, eu percebia os diversos olhares que me acompanhavam vindos tanto de funcionários quanto de outros alunos. Alguns eram curiosos, outros desconfortáveis ou até enojados. Contudo, havia um ponto de convergência entre todos eles: um sentimento de pena, como se eu estivesse vivendo algum tipo de sofrimento.

Em minhas leituras e reflexões, compreendi que essas reações não surgiam do acaso, mas eram resultado de um condicionamento histórico e cultural. As pessoas foram ensinadas, direta ou indiretamente, a enxergar a mulher muçulmana sob uma ótica de subjugação e fragilidade. Essa visão é uma das múltiplas expressões do pensamento orientalista presente no Ocidente, que constrói a ideia de que as mulheres muçulmanas necessitam ser “salvas” de uma suposta opressão imposta por sua religião e cultura(14).

Em diversos momentos, ouvi perguntas carregadas de curiosidade, mas também comentários permeados por desconhecimento e preconceito. Houve quem se referisse a mim apenas como “a moça do lenço”, e outros chegaram a utilizar expressões ofensivas, como “terrorista” ou “mulher-bomba”. Tais palavras partiram de diferentes pessoas, desde funcionários dos serviços gerais até professores que, em algumas ocasiões, interrompiam suas aulas para fazer observações que, muitas vezes, eram disfarçadas em tom de piada. Outras vezes, entretanto, eram proferidas de forma intencional, com o objetivo claro de causar constrangimento. Essas experiências me fizeram perceber como, para muitos, minha identidade era reduzida a um único símbolo: o véu. Tudo o que eu representava como estudante, mulher e futura profissional de enfermagem parecia, de repente, estar inserido à imagem estereotipada da “mulher muçulmana” construída pelo imaginário ocidental.

Essas situações me fizeram refletir sobre o quanto o ambiente universitário ainda reproduz desigualdades e estereótipos. No entanto, ao escrever sobre essas experiências, percebo que cada uma delas também se tornou um ato de resistência. Como diz Evaristo, “a dor, quando escrita, se torna denúncia”(10). A *escrivivência* me permitiu transformar o desconforto em consciência crítica e reafirmar meu direito de ocupar espaços de saber sem precisar silenciar quem sou.

Nos campos de prática que eram os mais diversos, abrangendo desde hospitais até unidades básicas de saúde, tive contato direto com pacientes em contextos que iam muito além dos limites da universidade. Gostaria de poder afirmar que essa vivência foi tranquila e acolhedora, mas não seria fiel à realidade. Houve momentos em que enfrentei situações delicadas, nas quais o simples ato de oferecer cuidado era recebido com desconfiança. Em algumas ocasiões, pacientes recusaram ser atendidos por mim, alegando desconforto ou buscando outro profissional para prestar assistência.

Essas experiências foram dolorosas, sobretudo porque iam de encontro ao princípio essencial da enfermagem: o de cuidar do outro de forma ética, humana e sem distinções. Enfrentar a rejeição em um espaço destinado à promoção da saúde foi um choque que me levou a refletir sobre o quanto o preconceito religioso ainda se manifesta de forma velada e, por vezes, explícita dentro dos serviços de saúde.

Como uma pessoa esclarecida e consciente do contexto social em que vivo, compreendo que tais atitudes não surgem de maneira isolada. Elas são resultado de um processo histórico de estigmatização da religião islâmica, amplamente difundido pela mídia brasileira e internacional(15). As narrativas midiáticas, marcadas pela associação entre Islã e violência, consolidam uma imagem deturpada que reduz uma fé complexa, espiritual e pacífica a um estereótipo de ameaça. Essa representação contribui para perpetuar o medo, o preconceito e a desinformação em torno das pessoas muçulmanas(16).

Entretanto, com o tempo, aprendi a lidar com essas situações com serenidade e resiliência. Passei a compreender que cada encontro era também uma oportunidade de desconstruir estigmas e promover diálogo. Muitos pacientes que inicialmente demonstravam resistência acabaram mudando de postura após pequenas conversas, gestos de empatia e

demonstrações de profissionalismo. Aos poucos, percebi que o cuidado genuíno tem o poder de atravessar barreiras culturais e religiosas.

Essas experiências, embora difíceis, contribuíram profundamente para a minha formação enquanto mulher muçulmana e futura enfermeira. Elas me ensinaram que o preconceito, quando enfrentado com firmeza e sensibilidade, pode se transformar em aprendizado e em ferramenta de resistência. A vivência prática me fez compreender, na pele e na alma, a importância de uma enfermagem verdadeiramente humanizada, uma que reconheça e acolha a diversidade em todas as suas dimensões, inclusive a religiosa.

Eixo II: Acolhimento

Mesmo em meio às dificuldades, encontrei pessoas que acolheram minha presença com respeito, empatia e sensibilidade. Lembro-me de professores que compreenderam minhas pausas diárias para as orações, que fazem parte da rotina inegociável de qualquer muçulmano. Também recordo colegas que, durante o período do Ramadã, demonstraram preocupação e cuidado, oferecendo apoio e compreensão diante do jejum e da rotina diferenciada. Esses gestos simples, muitas vezes silenciosos, tiveram um impacto profundo na minha permanência na universidade e no fortalecimento do meu sentimento de pertencimento.

A Unidade de Desenvolvimento Docente e Apoio ao Ensino ocupa um lugar especial na construção do meu sentimento de pertencimento, pois, em diversas ocasiões, seus membros gentilmente cederam uma de suas salas para que eu pudesse realizar minhas orações diárias. Esse gesto, aparentemente simples, representou para mim um profundo reconhecimento da minha fé e das minhas necessidades espirituais dentro do ambiente acadêmico.

Entretanto, o acolhimento não veio apenas dessa unidade. O Centro Acadêmico de Enfermagem Jucimary Almeida e o Diretório Acadêmico de Saúde também tiveram um papel significativo nesse processo. Em várias ocasiões, não apenas disponibilizaram seus espaços, mas também demonstraram um cuidado genuíno ao me oferecerem tapetes, de modo a tornar o momento das orações mais confortável e digno.

Com o passar do tempo, compreendi que o acolhimento vai além de uma atitude individual, ele é, também, uma forma de cuidado. Na enfermagem, o ato de cuidar envolve reconhecer a humanidade do outro em sua totalidade, com suas crenças, valores e modos de existir(17). O acolhimento que recebi foi fundamental para reafirmar a importância do respeito à diversidade dentro dos espaços de formação, especialmente em uma área que lida diretamente com o ser humano em suas múltiplas dimensões.

O acolhimento que encontrei mesmo diante do preconceito e das dificuldades foi o que me permitiu permanecer com firmeza na caminhada acadêmica e pessoal. Ele me mostrou que a universidade pode, sim, ser um espaço de encontro, diálogo e empatia, desde que haja disposição para enxergar o outro não como um estranho, mas como alguém que compartilha o mesmo desejo de aprender, crescer e contribuir.

Eixo III: Pertencimento e Formas de resistência

Ao longo da minha trajetória acadêmica, aprendi que o sentimento de pertencimento não surge de forma espontânea, principalmente quando a nossa presença questiona estruturas e padrões que sempre estiveram naturalizados. Ser uma mulher muçulmana dentro da universidade, em um curso de enfermagem majoritariamente feminino, mas ainda marcado por visões homogêneas sobre religião e cultura, significou ocupar um espaço de resistência cotidiana. Minha permanência não foi apenas um ato individual de persistência, mas também

um gesto político, de afirmação da minha identidade e da diversidade que compõem o ambiente acadêmico.

Cada desafio enfrentado dentro da universidade foi, de alguma forma, uma lição sobre a importância de ocupar espaços que historicamente negaram ou invisibilizaram corpos e identidades diferentes. A resistência também se manifestava nas pequenas conquistas do dia a dia nas amizades construídas, nas conversas em sala de aula, nos debates em que eu pude compartilhar uma perspectiva diferente, ampliando o olhar dos colegas sobre o que é ser mulher e ser muçulmana no Brasil.

Com o passar do tempo, percebi que minha presença, por si só, já constituía uma forma de resistência. Cada dia em que eu vestia o hijab e ocupava as salas de aula, os laboratórios e os campos de prática, reafirmava meu direito de existir com dignidade, fé e autenticidade em um espaço público de conhecimento. Cada interação, cada debate em sala, cada orientação técnica realizada nos campos de prática tornava-se uma oportunidade de mostrar que minha fé e minhas convicções não diminuíram minha competência acadêmica, mas coexistiam de forma complementar à minha formação profissional.

Além disso, aprendi que a resistência não precisa ser grandiosa para ser efetiva. Ela se manifesta nas pequenas ações do cotidiano: na forma como organizei meus horários para conciliar estudos, práticas religiosas e atividades acadêmicas; na paciência com olhares curiosos ou comentários mal-intencionados; na escolha de permanecer firme diante de situações que poderiam me desmotivar. Cada gesto de perseverança, por menor que parecesse, era um ato de afirmação de identidade e de compromisso com minha trajetória.

A resistência também se constrói no diálogo e na construção de pontes⁽¹⁹⁾. Aos poucos, percebi que compartilhar minha experiência e explicar minha fé de maneira respeitosa contribuía para reduzir preconceitos e ampliar o entendimento de colegas e professores. Essa

troca proporcionou aprendizado mútuo: enquanto eu buscava ser compreendida, os outros também se permitiam conhecer uma perspectiva que até então era invisibilizada ou estereotipada. Assim, meu pertencimento deixou de ser apenas um direito reivindicado; tornou-se um espaço de influência e transformação, mostrando que a presença de minorias pode enriquecer o ambiente acadêmico e social(20).

4. DISCUSSÃO

Ao revisitar minha trajetória acadêmica no curso de Enfermagem, compreendo que minhas experiências não se limitam a uma narrativa pessoal, mas dialogam diretamente com debates contemporâneos sobre diversidade, inclusão e práticas de cuidado na educação superior. A análise das vivências relatadas nos diferentes eixos como preconceito, acolhimento e pertencimentos e formas de resistência evidencia como fatores interseccionais de gênero, religião e identidade cultural influenciam profundamente a formação de estudantes que se encontram em contextos historicamente não preparados para reconhecer a pluralidade(21).

No eixo do preconceito e discriminação, percebi que minha presença como mulher muçulmana desafia estereótipos enraizados no imaginário social, reforçados por práticas midiáticas e discursos orientalistas, como descreve Wahid(22). Ao ser reduzida a símbolos como o véu e associada a imagens de ameaça, fiquei exposta a olhares, comentários e atitudes que buscavam me marginalizar. Essas experiências confirmam a relevância das análises interseccionais, que demonstram como identidades múltiplas gênero, religião, cultura se entrelaçam e produzem formas específicas de discriminação. Como Evaristo e Kilomba enfatizam, a escrita sobre si mesma revela não apenas a experiência individual, mas a vivência coletiva de corpos historicamente silenciados(23). Nesse sentido, meu relato não é apenas auto etnográfico, mas político e social, evidenciando os mecanismos sutis e explícitos que sustentam a exclusão de minorias em espaços acadêmicos e profissionais.

As experiências narradas evidenciam a urgente aplicação de preceitos teóricos como os propostos pela Teoria de Enfermagem Transcultural de Madeleine Leininger. Ao ser reduzida a um símbolo sendo ele o véu, e ter minha competência profissional pré-julgada, vivi na pele a "cegueira cultural" que a teoria busca combater(27). A rejeição de alguns

pacientes ao meu cuidado demonstra um descompasso entre a assistência prestada e os valores culturais do cliente, configurando um "choque cultural" dentro do próprio ambiente de saúde. Leininger defende que o cuidado ("caring") deve ser culturalmente congruente, ou seja, significativo e benéfico de acordo com a visão de mundo de quem recebe o cuidado(27). Minha presença, enquanto mulher muçulmana, desafiou a homogeneização cultural muitas vezes implícita na prática, exigindo um "acomodar ou negociar" cuidados para que o atendimento não fosse apenas tecnicamente correto, mas também culturalmente sensível. Portanto, o preconceito enfrentado não é apenas uma ofensa pessoal, mas uma barreira ao cuidado eficaz, reforçando a premissa central de Leininger de que o conhecimento transcultural é indispensável para uma enfermagem verdadeiramente universal e humanizada.

Por outro lado, o eixo de **acolhimento e pertencimento** demonstrou que práticas institucionais e individuais de empatia podem contrabalançar a exclusão. O apoio da Universidade, do Centro Acadêmico de Enfermagem e do Diretório Acadêmico de Saúde, ao ceder espaços para minhas orações e fornecer materiais que me permitissem praticar minha fé com conforto, exemplifica como pequenas ações podem ter impacto profundo na permanência e na autoestima de estudantes de minorias religiosas. Esse acolhimento evidencia que o pertencimento não é apenas um direito subjetivo, mas uma construção relacional e institucional(24). Ele reflete princípios centrais da enfermagem: cuidado, atenção e empatia, demonstrando que essas práticas extrapolam o âmbito clínico e se estendem à formação acadêmica e ao convívio social.

No eixo de pertencimento e formas de resistência, percebi que minha permanência na universidade representou um ato de afirmação identitária. Cada dia em que ocupei salas de aula, laboratórios e campos de prática com meu hijab foi uma demonstração silenciosa de resistência ao preconceito e à invisibilização de mulheres muçulmanas. Essa resistência não se manifestou apenas em confrontos diretos, mas em pequenas atitudes cotidianas:

organização do tempo, disciplina nos estudos, diálogo com colegas e professores e excelência acadêmica. Tais estratégias reforçam a ideia de que resistência é também perseverança, consistência e autenticidade(25). Ao mesmo tempo, percebi que ser visível e afirmar minha identidade contribuiu para a educação de outros, desafiando estereótipos e promovendo transformação social.

A integração desses eixos evidencia que a formação em enfermagem não ocorre apenas por meio de conteúdos teóricos e práticas técnicas, mas também por meio de experiências subjetivas que envolvem identidade, pertencimento e espiritualidade. O cuidado, princípio central da profissão, não é apenas um ato técnico, mas um exercício ético, relacional e culturalmente sensível(26). Minhas experiências demonstram que a inclusão de minorias religiosas na educação superior requer políticas institucionais, mas também atitudes individuais de empatia, reconhecimento e acolhimento.

É importante reconhecer que este estudo possui limitações inerentes à sua natureza qualitativa e autoetnográfica. Primeiramente, trata-se de uma análise baseada em minhas experiências pessoais, o que limita a generalização dos achados para outros contextos ou populações. Além disso, a interpretação dos dados está diretamente relacionada à minha subjetividade e à minha visão de mundo, o que, embora seja coerente com a metodologia da escrivência, implica que outras perspectivas possam diferir em suas percepções e vivências. Por fim, a pesquisa foi conduzida em uma única universidade e em um curso específico, o que restringe a aplicação das conclusões a outros cursos ou instituições com dinâmicas diferentes.

Com base nas limitações deste estudo, sugere-se que pesquisas futuras possam investigar experiências de estudantes muçulmanos em diferentes cursos e universidades, de modo a comparar contextos e identificar padrões comuns de preconceito, acolhimento e resistência; ampliar a participação de sujeitos, incluindo múltiplas perspectivas de estudantes,

professores e gestores, permitindo uma análise mais abrangente sobre diversidade religiosa e inclusão; explorar estratégias institucionais e pedagógicas para promover o pertencimento e a inclusão de minorias religiosas, avaliando a eficácia de políticas e práticas de acolhimento.

5. CONCLUSÃO

Ao refletir sobre toda a experiência relatada neste estudo, percebo que a trajetória acadêmica e pessoal que vivenciei no curso de Enfermagem transcende o simples aprendizado técnico ou teórico. Ela evidencia como questões de identidade, fé e cultura interagem com a formação profissional, moldando não apenas o desenvolvimento de competências, mas também a construção de valores éticos, sociais e humanos essenciais à prática da enfermagem. A experiência de ser uma mulher muçulmana em um contexto acadêmico majoritariamente homogêneo expôs-me a desafios, mas também abriu caminhos para reflexões profundas sobre pertencimento, resistência e cuidado integral.

Este trabalho demonstrou que a presença de minorias religiosas em ambientes educacionais não deve ser vista como um fator de diferença ou dificuldade, mas como uma oportunidade de enriquecer o espaço acadêmico. A vivência cotidiana, marcada por olhares, questionamentos e estereótipos, exigiu o desenvolvimento de resiliência, autoconhecimento e estratégias de enfrentamento, que se revelaram fundamentais para minha permanência e para a construção de minha identidade acadêmica e espiritual. Ao mesmo tempo, percebi que o acolhimento e a sensibilidade de colegas, professores e instituições constituem elementos centrais para fortalecer o pertencimento e reduzir os impactos do preconceito. Essa relação entre desafio e apoio evidencia a importância de práticas educativas que promovam inclusão, respeito e diálogo intercultural, demonstrando que espaços acadêmicos diversos são também espaços de aprendizado social e ético.

Este estudo, embora baseado em uma experiência autoetnográfica, reforça a relevância de se considerar a diversidade como elemento pedagógico e formativo. Ele sugere que a inclusão de minorias religiosas e culturais não deve se restringir a medidas pontuais, mas ser incorporada de maneira sistemática nas políticas acadêmicas, práticas pedagógicas e nas

relações interpessoais. A valorização das diferenças, o reconhecimento do outro e o respeito à diversidade cultural constituem princípios que fortalecem não apenas a formação profissional, mas também a construção de ambientes acadêmicos mais éticos, inclusivos e humanizados.

Por fim, a reflexão gerada por este estudo permite concluir que a interseção entre fé, identidade e formação profissional não é um obstáculo, mas um elemento transformador. A experiência vivida mostrou que enfrentar preconceitos, acolher diferenças, integrar espiritualidade e desenvolver estratégias de resistência são processos que contribuem para a formação de enfermeiros mais conscientes, empáticos e comprometidos com o cuidado integral. Essa trajetória pessoal e acadêmica evidencia que a diversidade deve ser valorizada como um recurso pedagógico, e que a construção de espaços inclusivos fortalece não apenas indivíduos, mas toda a comunidade acadêmica e profissional.

REFERÊNCIAS

1. Mota T. Além da sombra do Ocidente: o mundo árabe-muçulmano que nós desconhecemos.
2. MARQUES VLM. Os muçulmanos no Brasil. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. 2011;15:31-50.
3. NASSER SH. Direitos islâmico e direito internacional: os termos de uma relação. *Revista Direito GV*. 2012;8(2):725-44.
4. El Hajjami A. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. *Cad Pagu* [Internet]. 2008Jan;(30):107–20. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000100009>
5. El Hajjami A. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. *Cad Pagu* [Internet]. 2008Jan;(30):107–20. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000100009>
6. Bartel B. F, REPENSANDO O ISLÃ A PARTIR DA AMÉRICA: REFLEXÕES SOBRE “PRIMITIVISMO” E “CIVILIZAÇÃO” EM SAYYID QUTB. *Afro-Ásia* [Internet]. 2021; (64):431-468. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77070146012>
7. Gonçalves MC, Bruno VP, Milanez BB. Feminismo de vanguarda no Egito, islã e representação das mulheres na literatura. *Malala* [Internet]. 22º de dezembro de 2024 [citado 9º de setembro de 2025];12(15):89-105. Disponível em: <https://revistas.usp.br/malala/article/view/213901>
8. FRIAS S. Fatima al-Fihri: um retrato possível da fundadora da Universidade Qarawiyyin em Fez. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. 2014;(32):177-82. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852014000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2025.)

9. 4. El Hajjami A. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. *Cad Pagu* [Internet]. 2008Jan;(30):107–20. Available from:
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000100009>
5. El Hajjami A. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. *Cad Pagu* [Internet]. 2008Jan;(30):107–20. Available from:
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000100009>
6. Gonçalves MC, Bruno VP, Milanez BB. Feminismo de vanguarda no Egito, islã e representação das mulheres na literatura. *Malala* [Internet]. 22º de dezembro de 2024 [citado 9º de setembro de 2025];12(15):89-105. Disponível em:
<https://revistas.usp.br/malala/article/view/213901>
7. FRIAS S. Fatima al-Fihri: um retrato possível da fundadora da Universidade Qarawiyyin em Fez. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. 2014;(32):177-82. Disponível em:
http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852014000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2025.)
8. Saberes psicológicos islâmicos: Contribuições decoloniais para a história da psicologia e da saúde mental. *Memorandum* [Internet]. 4º de novembro de 2024 [citado 9º de setembro de 2025];41:e47862. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/47862>
9. Vizzotto M, Rossi V, Dias M, Rusricci R, Farhat CV, Reidhl A. Breve reflexão sobre a importância do método científico. *Psicol Inf*. 2016;20(20):113-25. doi:10.15603/2176-0969/pi.v20n20p113-125.
10. Evaristo C. A escrevivência e seus subtextos. In: Duarte CL, Nunes IR, organizadoras. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte; 2020. p. 26-46.

11. Souza O' de Almeida G. Mulheres muçulmanas e o uso do hijab no ocidente: a importância da multinormatividade na garantia de liberdades individuais. Malala [Internet]. 20º de dezembro de 2023 [citado 9º de outubro de 2025];11(14):99-111. Disponível em: <https://revistas.usp.br/malala/article/view/212048>
12. Mariano M. ORIENTALISMO MUDIÁTICO: TIPOLOGIA PARA ANÁLISE DE CARACTERÍSTICAS ORIENTALISTAS NA MÍDIA. Rev. Contemp. [Internet]. 11º de setembro de 2025 [citado 9º de outubro de 2025];5(9):e9061. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/9061>
13. Curi G. O orientalismo paradigmático: representação e estereótipos mutáveis na contemporaneidade. REIS [Internet]. 21º de março de 2024 [citado 9º de outubro de 2025];6(2):129-44. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/14463>
14. Aragão RM, Pereira LG. Enquadramentos de mulheres médio-orientais na imprensa: uma análise dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. IT [Internet]. 16º de novembro de 2022 [citado 9º de outubro de 2025];(53):119713. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/119713>
15. Barbosa FC. Mulheres Muçulmanas, Islamofobia e Mídia: desconstruindo estigmas. Organicom [Internet]. 15º de março de 2023 [citado 11º de outubro de 2025];19(40):32-4. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/205772>
16. Pereira Ruiz P, Pereira da Silva M. Indiferença e estereótipo em conteúdos midiáticos: sentidos em circulação sobre o povo muçulmano. RUC [Internet]. 4º de abril de 2023 [citado 11º de outubro de 2025];10(17):43-60. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistacomunicacao/index.php/revista/article/view/872>
17. Cruz MP da S, Denucci MAM. O ENSINO DE PRINCÍPIOS E VALORES NA ENFERMAGEM SOB A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DO CUIDADO. Rev. Foco

[Internet]. 19º de maio de 2025 [citado 11º de outubro de 2025];18(5):e8402. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8402>

18. Barbosa J da S. Da escola pública para a universidade pública: “Porque não é só entrar, é permanecer!”. ESC [Internet]. 25 de Julho de 2023 [citado 11 de Outubro de 2025];(65):1-21. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/651>

19. Freitas MC, Ésther AB, Santos JC. DIVERSIDADE, ESTIGMATIZAÇÃO E PERTENCIMENTO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO. Cad Pesqui [Internet]. 2023;53:e09940. Available from: <https://doi.org/10.1590/198053149940>

20. Gonçalves H, Alves K dos S, Pascoa F, Andrade AL. Tecendo redes de cuidado e pertencimento: Um olhar sustentável para a saúde mental e inclusão na universidade. ALEMUR-RECAT [Internet]. 4º de junho de 2025 [citado 11º de outubro de 2025];10(2):158-67. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/7822>

21. Amorim S, Oliveira T. Pública, democrática e plural: Consolidação de um ambiente de participação horizontal na universidade. ESC [Internet]. 21 de Março de 2022 [citado 12 de Outubro de 2025];(61):9-29. Disponível em: <https://www.up.pt/journals/index.php/esc-ciie/article/view/433>

22. Wahid MA. From Orientalism to neo-Orientalism: medial representations of Islam and the Muslim world. Textual Practice. 2023 Dec 4;39(2):1–20.

23. Martins TS. CONCEIÇÃO EVARISTO E DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A ESCREVIVÊNCIA A PARTIR DA DECOLONIALIDADE. RLN [Internet]. 21º de agosto de 2023 [citado 12º de outubro de 2025];16(44). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/11105>

24. Heck JN. Direito subjetivo e dever jurídico interno em Kant. Kant e-prints [Internet]. 10º de fevereiro de 2023 [citado 12º de outubro de 2025];:1-16. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/kant/article/view/8672547>
25. Matos-de-Souza R. A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica -: outros tempos, outras narrativas e outra universidade. Rev. UFG [Internet]. 26º de dezembro de 2022 [citado 12º de outubro de 2025];22(28). Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/72988>
26. Lima JJ de, Miranda KCL, Cestari VRF, Pessoa VLM de P. Art in evidence-based nursing practice from the perspective of Florence Nightingale. Rev Bras Enferm [Internet]. 2022;75(4):e20210664. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0664>
27. Leininger M. Culture Care Diversity and Universality: A Theory of Nursing. New York: National League for Nursing Press; 1991. 346 p.